

Presente do Coração da África

Elizabeth Bowne

*Condensação de um livro a ser publicado**

O AVIÃO estava atrasado. O pessoal da torre do aeroporto de Roberts Field, na Libéria, sabia que êle ainda estava no ar, algures dentro da noite chuvosa, porque se ouvia no rádio a voz crepitante do piloto: “Fala o Vôo 151. Estão recebendo?”

O operador da torre respondia. Mas devia haver algum desarranjo, pois o piloto continuava a repetir: “Estão recebendo? Estão recebendo? . . .” Pouco a pouco o chamado foi enfraquecendo, até sumir-se de todo. Só houve, então, silêncio.

Que acontecera? Como? Por quê? Foram estas as perguntas que primeiro assaltaram Elizabeth Bowne, cujo marido era piloto do avião. E à medida que era encontrada resposta para cada pergunta, surgia ainda outra interrogação—insolúvel, informulada, misteriosa. Nesta narração vívida, comovente, pessoal, ela nos descreve a sua jornada ao coração da África, onde estava a chave dêsse mistério ainda mais profundo.

QUANDO o telefone tocou naquela madrugada, estendi, sonolenta, a mão para o aparelho e murmurei um relutante “alô”.

—É a Sr.^a Frank Bowne?—perguntou uma voz de homem.

—É—respondi, sem haver acordado ainda.

O homem falou rapidamente, declarando o nome e identificando-se como um funcionário da companhia de aviação.

—Seu marido é um dos nossos

* A data da publicação do livro ainda não foi marcada



pilotos no Vôo 151, em viagem de Johannesburg para Nova York.

O homem deixou de falar por um instante. Parecia estar pigarreando.

—O avião está desaparecido em algum ponto da costa ocidental da África. Comunicou-se pela última vez com a torre de Roberts Field, na Libéria, onde deveria ter pousado na noite passada.

Fêz uma pausa e, em seguida, acrescentou com firmeza:

—Nada mais sabemos. Sinto muito. Logo que tivermos novas informações, lhe telefonaremos.

O telefone foi desligado.

Senti que minha mão tremia ao colocar o fone no gancho. O ho-

mem dissera que o avião desaparecera na costa. Devia ter feito, então, um pouso forçado no mar. Tentei desesperadamente lembrar-me das coisas que Frank me havia dito sobre a maneira de realizar tais pousos. Êle os conhecia bem e sempre se mostrava calmo nas ocasiões difíceis.

De cima da cômoda, o retrato dêle sorria para mim. Fôra tirado sete anos antes, no tempo da guerra. Como era bem-parecido, com seu uniforme da Fôrça Aérea.

Naquele tempo eu passava por verdadeiros tormentos sempre que êle subia ao ar num avião. No princípio êle zombou dos meus receios,

Protege mais!

*CERDAS QUÌMICAMENTE TRATADAS IMPEDEM O DESENVOLVIMENTO DE MICRÓBIOS APÓS CADA USO E DURANTE A VIDA NORMAL DA ESCÔVA.

ESCÔVA

Tek

É A ÚNICA

ANTI-GERME! *

Tek

LIMPA MELHOR!
DURA MAIS!

5 tipos:

.....
MACIA, MÉDIA, DURA,
PROFISSIONAL,
JÚNIOR

Johnson & Johnson

O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

mas depois insistiu em que eu aprendesse a voar, e isso me desvendou um nôvo mundo cheio de interêsse. Ambos ficamos satisfeitos quando Frank aceitou um lugar numa linha transatlântica, depois da guerra, porque já então eu estava de acôrdo com êle quanto à segurança das viagens aéreas.

Certa vez voei com êle sôbre uma parte da África, e a costa da Libéria não passava para mim de um ponto no mapa.

Levantei-me, peguei no retrato com moldura de madeira e olhei firmemente o rosto de Frank. Os seus olhos suaves me tranqüilizaram.

De repente, uma enorme imagem

me surgiu no espírito, bloqueando todos os outros pensamentos . . .

Uma montanha. Vi o avião descendo, à noite, diretamente sôbre uma montanha.

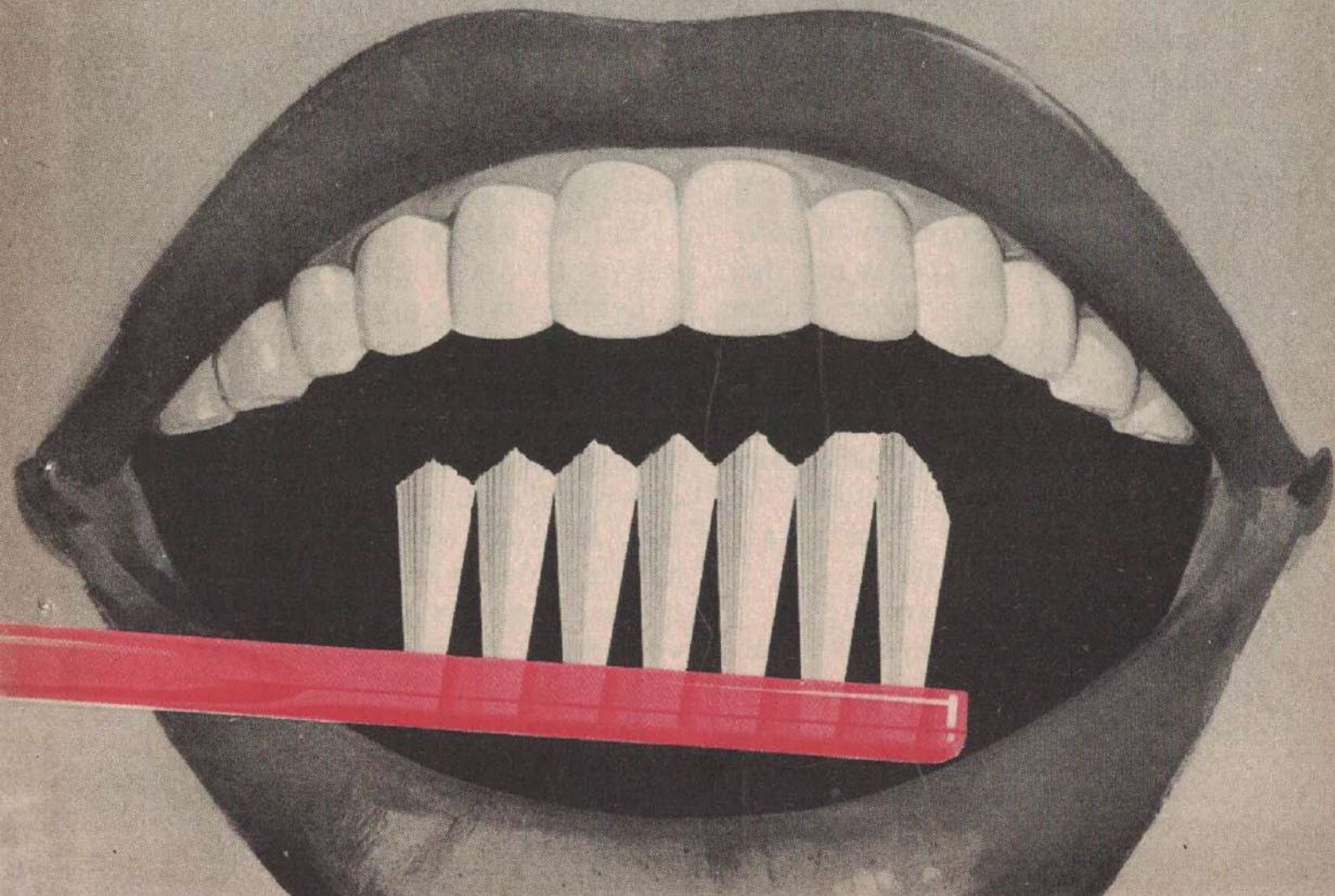
Mensagem de Sanoyea

ERA *preciso* que eu soubesse. Disquei o telefone para a minha amiga Marie, que morava perto de mim. Jerry, o marido dela, também era pilôto na linha Nova York—Johannesburgo.

—Marie, Jerry está em casa?

—Está. Acordou agora mesmo.

—Quer perguntar a êle . . . se há montanhas perto de Roberts Field, na Libéria?



Marie fêz um murmúrio de surpresa, e depois uma pausa, enquanto consultava o marido.

Ouvi-lhe de nôvo a voz.

—Êle disse que há algumas montanhas pequenas, no máximo de 365 metros. Mas, pelo amor de Deus, Betty, por que . . .

—O avião de Frank está desaparecido.

Houve um silêncio de estupefação.

—Vamos já para aí—disse ela.

Quando chegaram, a atitude de Jerry foi tranqüilizadora.

—Ainda não há necessidade de preocupar-se—disse.—Tenho certeza de que devem ter descido no mar. As montanhas ficam uns 80 quilômetros fora da rota.

Sentou-se e abriu um mapa, dizendo:

—É esta a rota que seguimos de Johannesburgo. É uma linha quase reta sôbre a selva até ao Cabo Palmas, êste ponto aqui no mapa, no extremo sul da costa da Libéria.

Falou, então, de radiofaróis, de telêmetros e de processos de aproximação. Pensando apenas nas possibilidades técnicas, comecei a sentir-me menos inquieta.

Passou a manhã e, à tarde, apareceram amigas trazendo comida e flôres. De repente, em meio à confusão, senti-me tonta, nauseada, febril, e depois gelada. Corri para o quarto e gritei por Marie.

Ela correu imediatamente.

—Eu não disse a ninguém—murmurei, encostando-me à porta—mas . . . estou esperando um filho.

—Oh!—exclamou ela.—É melhor deitar-se. Vou procurar falar com o seu médico.

—Não diga nada às outras—pedi.—Não posso pensar nisso agora.

Deitei-me e fiquei numa espécie de torpor, quase sem consciência do movimento na casa.

Bem tarde, naquela noite, a casa ficou em silêncio, mas eu dormi pouco. E no dia seguinte o pesadelo da espera continuou até ao fim da tarde. Por fim, Jerry entrou pelo quarto adentro.

—Um dos aviões de pesquisa avistou o avião destroçado—disse êle nervosamente.—Está a uns 80 quilômetros da costa.

—Ó, Jerry!—exclamei.—É perto daquelas colinas?

—Não sei—respondeu.—Mas o piloto do avião de pesquisa viu gente nas proximidades. Tem quase certeza de que são sobreviventes. O local é muito remoto, mas já se está organizando uma expedição para ir buscá-los na selva.

Senti o coração aliviado. Frank estava salvo. Obrigada, meu Deus.

Lembrei-me de um fato que ocorrera na noite anterior, antes de chegar a notícia do desaparecimento do avião de Frank. Eu estava olhando amostras de fazenda para a casa nova que Frank e eu pretendíamos arrumar. E então, como se alguém me houvesse tocado as costas com a mão fria, eu começara a tremer. Sentira vontade de chorar. Olhara para o relógio—eram 11h e 30m.

Teria sido a hora em que tudo

acontecera? Teria Frank procurado transmitir-me uma mensagem? Seria possível que coisas assim acontecessem?

—Sabem a que horas o avião caiu? —perguntei.

—O operador da torre diz que perdeu contato com o avião por volta das 3h e 30m da madrugada. Corresponde às 11h e 30m aqui.

—Oh, não!—exclamei.

Devia estar errado o meu sentimento. Havia sobreviventes e Frank estava vivo.

Mas, depois, naquele mesmo dia, Norm Rice, um amigo de meu marido, chegou e se sentou ao lado da minha cama. Tinha as feições alteradas e os ombros caídos.

—A companhia recebeu mais notícias de Roberts Field—disse êle.—Um portador indígena levou uma mensagem, mandada por um missionário.

A sua voz era tão delicada que eu percebi tudo antes que êle dissesse.

—O avião bateu numa montanha perto da aldeia de Sanoyea, na Libéria. As 40 pessoas que iam a bordo morreram.

A Luta Pela Fé

A LUZ pálida da manhã derramou-se pelo quarto e eu cobri a cabeça com o travesseiro. Mais um dia.

Duas semanas haviam passado desde aquêle dia fatal de junho de 1951, em que o avião de Frank caíra. Daí por diante, nada mais me parecera real. Flutuando no espaço, separada de tudo o que tivera importância

para mim, vivia num estado de torpor. Mas, então, o último amigo, o último parente se fôra e eu estava sòzinha.

Comecei a andar em silêncio pela casa. As camisas, as gravatas e os ternos de Frank estavam arrumados no armário, como êle os deixara. No quarto dos hóspedes estava a sua pasta, cheia de papéis de vôo de que êle não precisara na sua última viagem. No banheiro, o aparelho de barba e a escôva de dentes extras esperavam numa prateleira.

Fui até à mesinha de cabeceira, abri a gaveta e peguei um envelope azul do correio aéreo. Era uma carta de Frank, remetida de Roberts Field na viagem de ida. Já a sabia de cor. Era cheia de amor e de expectativa a respeito do nosso filho e da nossa casa, de planos para o futuro.

Êle não queria morrer. Não pensava em morrer. Não havia motivo para êle morrer. O quarto ficou mais escuro e a chuva chegou rapidamente, batendo no telhado. Teria chovido naquela noite na montanha? Teria a chuva corrido impiedosamente pelo rosto dêle?

Larguei a carta e me joguei na cama, exclamando:

—Deus, por que me abandonaste?

Apuração da Culpa

NOITES e noites tive o mesmo sonho. Frank voltara do seu vôo à África e nós estávamos sentados juntos à mesa da cozinha. De repente, eu lhe via uma expressão de horror quando êle procurava dizer-me como

o avião caíra. Mas no mesmo instante em que eu dizia: "Conte", êle desaparecia e eu acordava em pranto.

O sonho se tornou uma obsessão. Eu tinha de saber a causa do desastre. Em vista disso, resolvi comparecer às sessões da Junta de Aeronáutica Civil em Nova York, por mais duro que isso me fôsse.

As sessões se realizaram num grande salão de hotel com filas de cadeiras para os espectadores e uma mesa oval para as autoridades. Reconheci alguns dos presentes, homens que me haviam visitado depois do desastre. Quando cheguei, a sessão já havia começado.

—Sim, era essa a impressão que dava—dizia um homem de cabeça branca.—O avião evidentemente bateu na montanha quase em ângulo reto, a cêrca de 30 metros do cimo, quebrando-se como se fôsse um ovo. Isso, ao que parece, provocou um rápido incêndio. Quando os habitantes da próxima aldeia de Sanoyea encontraram os destroços horas depois, êles ainda fumegavam, embora nos dissessem que havia caído uma chuva pesada.

Então *houvera* mesmo chuva, pensei.

A voz monótona e desinteressada do homem continuou:

—Os corpos não puderam ser identificados. A decomposição já começara e foi preciso enterrá-los mais que depressa. Todos os despojos que foi possível encontrar foram enrolados em mantas e levados ladeira

abaixo para o entêrro feito no cemitério da missão, na aldeia.

Vi-me então perturbada por uma nova pergunta:

—Houve qualquer rumor na aldeia de Sanoyea de que o avião estava em chamas antes de bater na montanha?

O homem que prestava depoimento estivera no local do desastre.

—Houve, de fato, êsse rumor—disse êle.—Mas nada encontramos que mostrasse haver qualquer verdade . . .

Verdade? Verdade? Onde estava a verdade?—perguntei a mim mesma. Foi meio atordoada que acompanhei o resto do inquérito da Junta de Aeronáutica Civil, sabendo qual seria a conclusão.

Mais tarde li o relatório da Junta, cuidadosamente redigido. Nas entrelinhas, lançava-se a culpa sôbre a tripulação que morrera. "Não se verificou defeito de funcionamento do aparelho antes do acidente", dizia êle. Julgavam, então, que a culpa fôra de Frank!

Quando eu estava no vestíbulo, perto da sala de conferências, um dos funcionários da companhia se aproximou e me apresentou um representante oficial da Libéria. Olheicheia de esperança, o impassível rosto prêto, os fundos olhos de azeviche. Sem dúvida, êle poderia dizer-me *alguma coisa* mais do que havia surgido no frio e impessoal inquérito.

—Posso fazer-lhe uma pergunta?—disse eu.—Se alguns habitantes da

aldeia disseram ter visto o avião incendiando-se antes de bater, não se pode confiar nêles?

O homem sorriu:

—Na verdade, não sei. Vivo em Monróvia, a capital, que fica no litoral. Nunca estive no interior e não conheço aquela gente.

—Mas eu pensei que Sanoyea ficasse apenas a 80 quilômetros de distância!

—E fica realmente, mas nós só temos uma estrada de verdade para o interior e Sanoyea fica afastada 25 quilômetros dessa estrada. Creio que a vida por lá é um pouco primitiva. Nós, do litoral, somos um tanto diferentes das tribos que vivem no interior.

Dizendo isso, aprumou o corpo, e como que ficou um pouco mais alto.

Pensei, tomada por súbito desânimo, que, neste caso, seria difícil a alguém ir a Sanoyea.

—Não acredita, então, que houvesse fogo no avião quando sobrevoou Sanoyea?

—O relatório me pareceu muito categórico nesse particular, não achou?

—Não sei—respondi, quase como se falasse comigo mesma.—Já não sei o que devo pensar a respeito de nada.

Início de uma Busca

EM FINS de setembro, minha irmã Louise e o marido, Hugh, que era professor universitário, voltaram para Nova York depois de passarem au-

sentes todo o verão. Logo me procuraram e ficaram certamente impressionados com o meu aspecto, pois insistiram em que eu não podia mais viver sòzinha. Descobriram um quarto para mim no edifício em que moravam. Eu passava a maior parte do tempo em que não estava dormindo em seu apartamento, com êles e sua filhinha, Louisa, mas de dia para dia me tornava mais apática.

Numa sombria tarde de outubro recebi uma carta que fêz o meu coração saltar quando vi o enderêço do remetente. Era da companhia de aviação. Seria possível que Frank estivesse vivo e que o houvessem encontrado ileso dentro da selva? Essa esperança, que eu bem sabia quanto era insensata, ainda me fazia tremer quando abri o envelope.

Encontrei dentro uma nota do presidente da companhia e cópia da carta dirigida a esta. Era de um tal William Welmers, que se intitulava perito lingüístico e que em certa época trabalhara em Sanoyea. Falava com muita simpatia dos indígenas do lugar e da região de matas que o cercava. Não estava “cheio de selvagens”, como haviam dito os jornais. Ao contrário, descrevia o lugar como pacífico e belo.

“Espero”, escrevia caridosamente o homem, “que essa visão do lugar onde estão enterradas as vítimas do desastre aéreo possa dar algum conforto àqueles que devem estar sofrendo com a perda dos seus entes queridos.”

À medida que lia e relia a longa e descritiva carta de Welmers, experimentava uma estranha sensação, como se alguma coisa, acordada no mais fundo do ser, me atraísse. Na terra onde repousava o corpo de meu marido, numa remota aldeia chamada Sanoyea, havia beleza, calma . . . esperança? Empolgou-me um desejo ardente, quase uma exaltação. Que havia naquela aldeia que parecia chamar-me?

Impulsivamente, escrevi ao lingüista dizendo-lhe quanto a sua carta me havia comovido e agradecendo-lhe a gentileza. Não sabia ainda quanto aquela carta acabaria sendo importante para mim. Mas sentia uma necessidade cada vez maior de obter mais informações sobre Sanoyea.

“Acho que Deve Ir”

TIVE a criança em janeiro, um menino a quem dei o nome de Frank. Desde o nascimento já se parecia extremamente com o pai.

Nove dias depois, numa manhã terrivelmente fria, a enfermeira o deixou nos meus braços na porta da entrada.

—Agora êle é todo seu—disse ela, e me deu cordialmente adeus enquanto Louise e Hugh me ajudavam a entrar no carro em que me tinham ido buscar.

Sim, era só meu, pensei revoltada, mas sem pai e sem lar para onde ir. Como o meu quarto alugado era pequeno, o berço do bebê teve de ser colocado no quarto de minha

irmã. Eu sabia que o pequeno Frank e eu representávamos uma carga a mais para ela e Hugh, e eu procurava aliviá-los fazendo tudo o que podia.

Um dia, quando eu dobrava umas fraldas, William Welmers telefonou. Era um homem alto, de cabelos castanhos ralos e brilhantes olhos bondosos. Levou-me para jantar naquela noite a fim de podermos conversar à vontade.

—Eu não sou missionário—disse-me êle logo que nos sentamos à mesa do restaurante.—Mas fui contratado pela junta da missão para ir a Sanoyea e ali traduzir trechos da Bíblia na língua local, o Kpelle.

Franziu a testa e continuou:

—A vida naquela região é muito primitiva e há muitas doenças, mas achei-a interessante.

—A sua carta me deu a impressão de que havia lá alguma beleza, alguma promessa—disse eu, hesitante.

Êle sorriu e respondeu gentilmente:

—*Há* alguma coisa, sim . . . em relação ao povo. Alguns estranhos parecem vê-la, mas a outros ela escapa completamente.

Ficou um instante pensativo, como se estivesse procurando a melhor maneira de explicar-me.

Eu me surpreendi dizendo:

—Eu . . . eu estive pensando em ir a Sanoyea, para ver pessoalmente.

—Julgo a idéia esplêndida—declarou êle com entusiasmo.

Depois hesitou e me olhou francamente. Em seguida, num tom

Aprendi com minha filha adolescente



Amiga Odette:
Todos me diziam: "Sua filha está crescendo!" mas para mim ela ainda era aquela garotinha de tranças...
E agora Marilda ficou mocinha! Minha primeira preocupação foi alertá-la para os cuidados básicos durante os seus períodos. Olhe, acabei aprendendo também: o uso do absorvente Modess com a nova cobertura Petala Macia. Sempre achei a proteção comum perfeitamente adequada. Mas acabei concorrendo com Marilda que não há comparação. Modess Petala Macia é mais higiênico e muito mais prático! Essa nova geração anda mesmo bem informada, você não acha? Gostaria que você dissesse como resolveu este problema

tranqüilizador, quase como se sentisse quanto eu sofria, acrescentou:

—Acho que a senhora deve ir.

Conversamos durante horas e a minha decisão se firmou. Eu sabia que *tinha* de ir à Libéria.

Confusão em Roberts Field

EMBORA Louise fôsse contrária à viagem, sentia-se feliz com a oportunidade de cuidar do garôto. E como a companhia estava pronta a pagarme a passagem—gentileza dispensada a todos os parentes das vítimas de desastres—parti daí a poucas semanas.

Passava de meia-noite quando sobrevooamos o litoral africano. Olhei para a escuridão que atravessávamos

e ocorreu-me a idéia de que talvez fôsse aquêlo o lugar onde caíra o avião de Frank.

Cobri o rosto com as mãos. Estavam geladas de encontro às faces afoqueadas. Tremi.

—Está bem?—perguntou-me o comandante do avião, que conheceu Frank, tocando-me o ombro delicadamente.—Não tarda a chegarmos a Roberts Field.

Olhou-me e acrescentou:

—A aeromoça poderia preparar-lhe uma bebida.

Abanei a cabeça em silêncio.

Acendeu-se o sinal para afivelar os cintos. O avião embicou para a terra, tocou maciamente na pista e rodou até parar. Ouvi atrás de

mim uma voz sonolenta de criança.

—Onde estamos? Quero descer.

—Está certo, meu bem—respondeu a mãe, bocejando.—Mas é apenas um lugar sem importância.

O avião se esvaziou e, na porta, o pesado calor da noite caiu sobre mim. O vestido de lã, confortável em Nova York e em Lisboa, agora quase me queimava os ombros.

Na superlotada sala de espera, cheia de conversas e risos, procurei o missionário que devia esperar-me. Em Nova York, a sede da missão liberiana, que cuidara do entêrro de Frank, comunicara por telegrama ao seu representante em Monróvia a hora da minha chegada. Esperei em vão que alguém se dirigisse

a mim. Quando afinal fui falar com o agente da estação, êle me entregou um bilhete, que dizia:

Prezada Sr.^a Bowne:

O homem que devia esperá-la viajou para o interior para uma conferência. Vou ver se consigo alguém para ir buscá-la amanhã.

L. T. Bowers
(Totota)

Fiquei desnorreada. Nunca ouvira falar no Sr. Bowers, nem em Totota. Mas, evidentemente, eu tinha de passar a noite ali.

—Sr.^a Bowne, a senhora tinha bagagem?—perguntou-me o agente. Acenei com a cabeça.

Você que é moderna e prática, merece o conforto de Modess com a nova cobertura "Pétala Macia", de rayon e algodão. Não é gaze, nem papel. Usa-se Modess uma vez e joga-se fora... nada de lavar!



Modess

com "Pétala Macia"
a nova cobertura aveludada

Johnson & Johnson

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE



—Procurei em todo o compartimento de bagagens—continuou êle. —As suas malas não estavam naquêle avião.

A minha consternação foi então completa. As coisas não melhoraram quando o agente da estação me disse:

—Vou mandar um dos empregados preparar-lhe a cama num velho leito do Exército, num dos quartéis aí atrás.

Não havia hotel? Podia-se telefonar para Monróvia e pedir um táxi? Não, não havia táxis, nem serviço telefônico, nem hotel. Roberts Field não era nem uma aldeia. Era apenas um resíduo militar da Segunda Guerra Mundial.

Um empregado côr de ébano levou-me para um aposento do quartel em que havia uma cama encovada, coberta por mosquiteiro. A porta de bambu foi batida quando o homem saiu. Meti-me na cama com a roupa de baixo e procurei fechar os ouvidos aos estridentes ruídos que vinham da escaldante noite da selva. Acabei mergulhando num sono agitado.

De repente, acordei com um terrível estrondo. Era o rugir da chuva que se despenhava em catadupas. Ali fiquei deitada e trêmula. Nunca me sentira tão sòzinha em tôda a minha vida.

Viagem Para Totota

NA MANHÃ seguinte, o agente me levou até à sua casinha.

—Falei com minha mulher a respeito das suas malas—disse êle.—Ela

lhe emprestará alguma roupa, se tiver alguma coisa que a senhora possa vestir.

Uma mulher ainda jovem, de *shorts* azul-claros, introduziu-nos na sala de estar. Olhou para a minha altura e riu tristemente, pois só me chegava ao ombro. Tinha estendido num sofá uma saia estampada, duas blusas de algodão, um vestido cinzento enxadrezado, um par de sapatos de saltos baixos, uma camisola de dormir e um velho capacete branco.

—É bom levar isto também—disse o homem, mostrando uma camisa de mangas compridas e uma das suas calças velhas.

—Isso assim velho, não, querido! —disse a espôsa, censurando-o.

—Estou pensando é na hora em que ela tiver de atravessar aquêle caminho por dentro da selva para chegar a Sanoyea—disse êle.

Experimentei o vestido enxadrezado. Apertava-me na cintura e mal chegava-me aos joelhos. Os sapatos eram pequenos e me maltratavam os pés. Apesar disso, foi com prazer que deixei o meu vestido de lã e os sapatos de salto alto.

—Um homem aí vem buscar Missy (a senhora)—disse um empregado africano, quando arrumávamos o resto das roupas emprestadas em duas maletas de matéria plástica.

Saí com êle. Um desconjuntado caminhão estava à espera diante do pequeno prédio terminal do aeroporto. Tinha a parte traseira coberta de lona vergada por uma montanha de carga e meia dúzia de africanos

esparramados em cima. Um prêto baixo, de calções sujos e camisa rasgada, conversava com uma mulher vestida apenas da cintura para baixo e que carregava uma criança nua contra o peito descoberto.

O homem voltou-se para mim.

—Eu Sammy—disse êle.—É a Missy que vai para Totota? O Sr. Bowers mandou-me buscá-la.

—Não creio que haja lugar para mim—disse eu, recuando instintivamente.

Sammy riu e abriu a porta da boléia.

—A senhora senta junto de mim. Guardei o lugar para a senhora.

Eu ainda estava hesitando quando o agente da estação apareceu.

—Teve sorte em encontrar passagem—disse.

Embarquei apreensivamente no caminhão.

—Adeus e felicidades—disse o agente.



Tentei sorrir. Sammy se acomodou ao meu lado, ao volante. Então a mulher com a criança nua empurrou-me do outro lado para sentar-se. Estremeci e olhei para Sammy. Êle não tomou conhecimento da minha pessoa. O caminhão seguiu viagem.

Emprensada entre Sammy e a mulher, com seus corpos suarentos apertados contra o meu, eu ansiava por um pouco de ar, mas só recebia a poeira que me entrava pela bôca. Cobri a bôca com um lenço e tentei conter um soluço.

Seriam aquêles dois descendentes dos escravos que haviam fugido do Sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil para fundar a República da Libéria? Teriam ódio de mim? Os meus olhos andavam de um para o outro. Eu me criara numa fazenda da Geórgia, onde meu bisavô fôra senhor de escravos, e a segregação racial fazia parte da minha vida.

Sammy estava engolfado nos cuidados com que era preciso tratar o velho caminhão para fazê-lo andar. A mulher se ocupava em ninar e afagar a criança gorda, que babava. Ambos pareciam tão indiferentes à minha existência como aos sacos de carga que iam atrás.

Uma Terra Assustadora

A QUE distância fica Totota?—perguntei, quando me pareceu que a viagem se prolongava interminavelmente.

—Muito longe, Missy—respondeu Sammy alegremente.

Não exagerou. Os Bowers já se estavam preparando para jantar com seus quatro filhos quando afinal cheguei à missão. E ainda estava muito longe de Sanoyea. A viagem tôda me tomaria três dias.

Os Bowers me puseram para passar a noite numa cabana de hóspedes da missão e a Sr.^a Bowers, que estava esperando o quinto filho, emprestou-me um vestido que de fato dava em mim. Dentro em pouco ela não precisaria mais dêle. Tomaram também providências para que um jovem missionário me levasse até Yanokwele, na metade do caminho entre Totota e Sanoyea.

Chamava-se Paul Slifer e apareceu no dia seguinte, ao meio-dia. Tinha cabelos ruivos e o rosto sardento iluminado por um sorriso contagioso. Logo que êle acomodou a carga que ia levar, sentei-me ao seu lado no jipe e tomamos o caminho da selva.

Fôra êle que abrira o caminho para o jipe e a densa vegetação da selva estava sempre tentando reconquistá-lo. O carro ia aos solavancos, e galhos batiam-me no rosto. Quando um dêles me arranhou o braço, tirando sangue, Paul insistiu na aplicação imediata de um remédio.

—Não quero assustá-la—disse—mas por aqui um talho custa muito a sarar.

A primeira “ponte” a que chegamos me deixou aterrada. Consistia apenas em dois troncos rachados, separados na mesma distância das rodas do carro.

—Não se preocupe—disse Paul,

rindo.—Medi tudo cuidadosamente.

E antes de atravessarmos, parou, fechou um ôlho e fêz mira como se fôsse disparar uma espingarda.

Arrastamo-nos várias horas através da selva, até que chegamos à nossa terceira ponte de troncos. O rio era largo e avançamos devagar nos dois troncos extremamente compridos que se estendiam sôbre a água negra e escachoante. Estávamos no meio da travessia quando o pneu traseiro do lado direito estourou. Não havia estepe e tivemos de abandonar o veículo. Com grande cuidado, para não fazer o jipe desequilibrar-se, saímos pela frente com as minhas duas maletas e nos arrastamos pelo tronco até à outra margem.

Paul disse que se andássemos depressa poderíamos ainda alcançar Yanokwele antes do escurecer.

—Espero que a senhora seja boa andarilha. O caminho à noite pode ser perigoso.

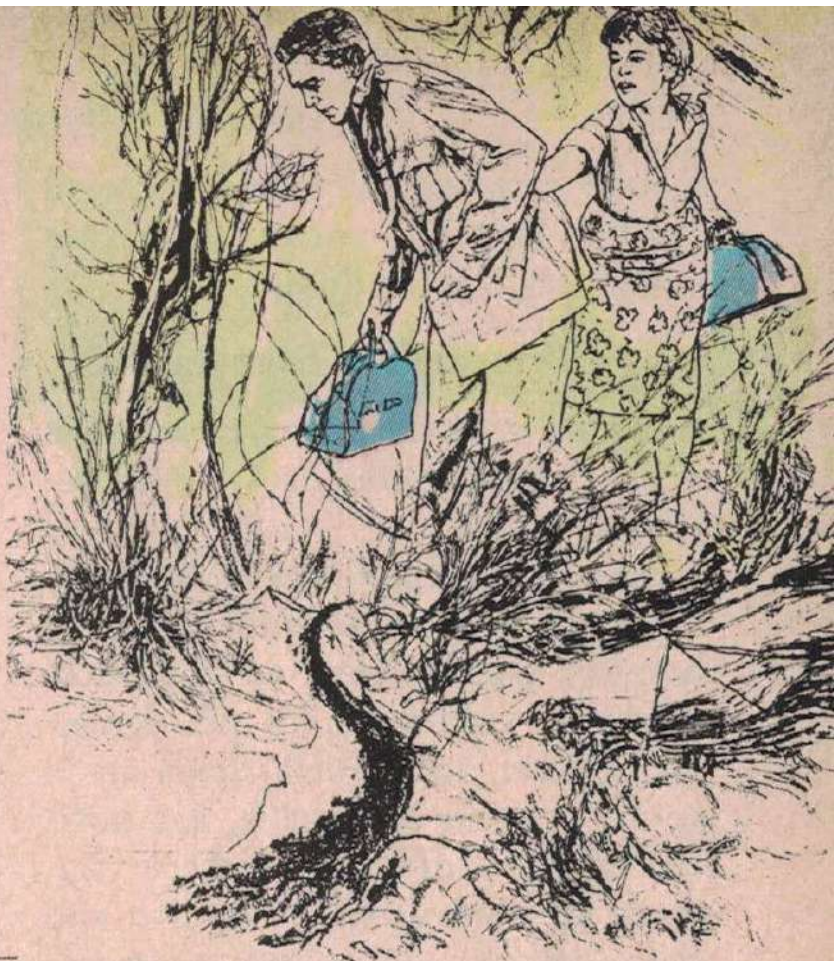
Os sapatos emprestados me faziam doer os pés e logo senti que me estavam fazendo bôlhas. Quis caminhar descalça, mas Paul aconselhou-me o contrário:

—Nesse chão pode pegar uma doença de pele.

Fui mancando o mais depressa que me era possível. De repente, o meu companheiro gritou:

—Espere! Olhe . . . ali em frente!

Alguns metros à nossa frente havia uma larga faixa preta estendida no caminho. Parecia uma tira de piche, com a diferença de que estava em movimento.



—Formigas de correição—disse Paul.—Não se aproxime muito. Comem as vítimas vivas, destruindo tudo o que encontram à sua frente.

Tôda trêmula, acompanhei-o e cautelosamente passei por cima da fervilhante faixa. Por fim, chegamos à clareira em Yanokwele, onde viviam os Slifers. A Sr.^a Slifer estava à espera, tendo nos braços o filho, que parecia uma boneca.

Depois do jantar, ela mostrou-me a tela finamente tecida que protegia a cama da criança contra as formigas de correição.

—Houve casos em que essas formigas devoraram crianças—explicou ela.—É claro que os adultos as sentem antes de começarem a morder. Mas nós ainda temos um homem encarregado de dar volta à casa várias vezes durante a noite à espreita delas.

Quando me levaram para o meu

quarto naquela noite, não consegui dormir. Por que, por que fôra para aquela terra aterradora?

Bem-Vinda a Sanoyea

OS RAPAZES de Sanoyea estão aí —disse Paul Slifer na manhã seguinte.

Saí e vi-me diante dos olhos curiosos de 16 jovens liberianos. Olhei os homens esfarrapados, as suas musculaturas volumosas, os pés descalços. Pensei que aquela devia ser a gente a quem os jornais, nas notícias sôbre o desastre, haviam chamado de “selvagem”. Decerto não iriam querer que eu me internasse na selva sòzinha com êles.

Paul, que tratava ativamente de arrumar pesadas caixas e latas na cabeça dos homens, parou um instante para apontar-me o mais alto de todos.

—Êsse é Big Boy (Grandão)—disse êle.—É quem está chefiando.

Cumprimentei com a cabeça e Big Boy mostrou os dentes brancos. Êle e mais três homens carregavam uma rêde. Deu uma ordem enérgica e todos se agacharam.

—Sente-se, Missy—ordenou êle.

No momento em que os homens sentiram o meu pêso na rêde se levantaram e eu me vi lançada em uma posição reclinada. No mesmo instante, os carregadores começaram a caminhar.

—Esperem—gritei, forcejando por sentar-me com o corpo levantado.

Os homens começaram a cantar e não me deram atenção.

“Adeus”, ouvi os Slifers dizerem. Dobramos depois uma curva e êles desapareceram. Estávamos em plena região das savanas e esta se tornou confusa diante dos meus olhos enquanto eu era sacudida para cima e para baixo e de um lado para outro.

Ao fim de algum tempo, paramos.

—Missy agora caminha—disse Big Boy.

Os homens me baixaram e eu saltei, cambaleante. À nossa frente, um profundo rio cortava o caminho. Um pequeno tronco servia de ponte.

Big Boy esperava à beira da água para ajudar-me a atravessar, mas eu hesitava em tocar-lhe a pele luzidia.

—Missy não sabe como andar na pinguela?—perguntou.

—Claro que sei—respondi, indignada.

Encaminhei-me para o tronco e me firmei no ombro de Big Boy, que atravessava ao lado, com água pela cintura.

E assim continuamos. Eu caminhava quando chegávamos a rios e ladeiras; o resto do tempo era carregada. Entretanto, numa ladeira íngreme, fiquei tão exausta que Big Boy teve de empurrar-me por trás. Sentindo-me humilhada, resolvi, quando chegamos à próxima ladeira, mostrar-lhes que eu *podia* andar por um caminho da selva. Tropeçando nas pedras, agarrando-me a troncos de árvores projetados para o caminho, subi como que atordoada. No alto, perdi as fôrças e deixei-me cair, suarenta e arquejante. Procurando tomar fôlego, fiquei sentada no lugar

onde me haviam faltado as pernas.

—Missy vai carregada agora—disse Big Boy.

—Não, eu posso caminhar. Posso mesmo . . .

—Missy vai carregada—disse êle, encerrando o assunto.

Molemente, deitei-me na rêde e fechei os olhos. “*Guina guina, guina guina*”, cantavam os homens embaladoramente. Pareceu-me ir assim balançada durante horas. Quando os quatro carregadores se cansavam, outros quatro os revezavam.

De repente, o canto ritmado dos homens se tornou mais alto, mais rápido, mais nervoso, e eu ouvi barulho de palmas. Abri os olhos. Os homens que carregavam os volumes dançavam, agitando os braços e batendo palmas. Até os que carregavam a minha rêde pareciam dançar em perfeita harmonia, sem errar um passo.

Que significava aquilo? Procurei levantar o corpo e avistei uma aldeia no sopé de uma colina. “*Guina guina, guina guina!*” O canto se tornou

mais alto. Os habitantes da aldeia começaram a sair das suas cabanas e aderiram ao grupo, batendo os pés, com os olhos cintilantes.

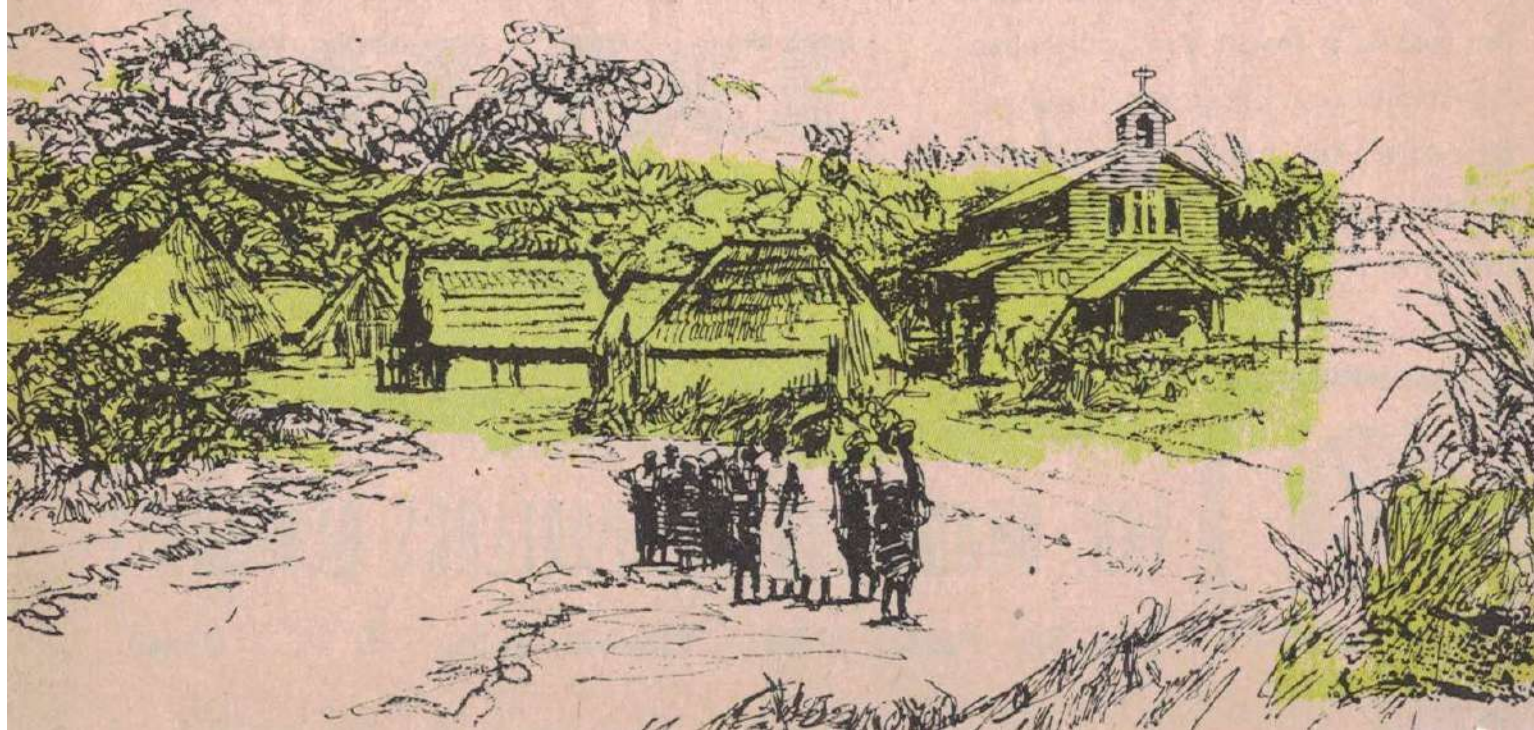
O Sol desaparecera, deixando um céu todo em púrpura. Quando passamos a última casinha de barro e os últimos rostos prêtos jubilosos, uma igrejinha de pedra surgiu. Passamos pelo portão aberto e paramos diante de uma velha casa de madeira com uma comprida varanda revestida de tela de arame. Os homens baixaram a rêde e eu me levantei nos pés vacilantes.

Duas mulheres estavam à minha espera. Uma delas era alta e grisalha, tendo no rosto a palidez que denota a malária.

—Sou Miss Otto—disse ela.—Estou dirigindo isto aqui.

Apresentou-me a outra mulher, gorda e muito mais mûça, como Mariana Bunge, enfermeira encarregada do dispensário.

Miss Otto pagou o equivalente a 50 cruzeiros a cada um dos 16 homens e fêz o seguinte comentário:



—Não há dúvida que lhe deram uma recepção principesca.

Eu chegara afinal a Sanoyea.

A Sepultura Africana

O MISSIONÁRIO encarregado estava ausente em férias com a família e as duas mulheres eram as únicas pessoas brancas ali. Na hora do jantar, conversaram naturalmente sobre assuntos de serviço e nada disseram sobre aquilo que me fizera ir de tão longe para ouvir. Soube que a Enfermeira Bungler não se encontrava por perto quando o avião caíra. E senti que Miss Otto não queria falar do terrível caso.

Mais tarde, porém, quando nos sentamos nas trevas que envolviam a varanda, entre os rumôres estridentes da noite, supliquei-lhe que me contasse o que sabia. Ela, afinal, começou.

O avião havia passado pela aldeia às 3h e 15m da madrugada. Ela estava acordada porque a sua empregada, Betty, estava com um filho doente. De qualquer maneira, estra-



nhara o barulho que o avião fazia. Mas só fôra saber do desastre no dia seguinte, quando um dos habitantes da aldeia lhe levava pressurosamente a fotografia de uma criança.

—Encontrei isto naquela montanha onde a bola de fogo do céu fêz muito estrago—dissera-lhe o homem.

O desastre provocara grande confusão na missão. Havia chegado médicos de uma vizinha fazenda de borracha da Firestone, pessoal da missão, funcionários da companhia de aviação e não havia onde acomodá-los a todos. Para fazer caixões para as vítimas, fôra preciso utilizar tôda a madeira que guardavam com o maior zêlo. Também houvera contratempos com os habitantes da aldeia.

—O chefe—disse resignadamente Miss Otto—não é cristão. Adora “espíritos” e achou que êles deviam estar muito zangados para matar tanta gente ao mesmo tempo. Por isso, teve mêdo de remover os corpos. Cruzou os braços e disse aos gritos ao nosso missionário, Sr. Lindemann: “Carregue você os corpos. O meu povo não vai ajudar!” Dito isso, foi-se embora.

—Mas, coisa curiosa—continuou Miss Otto—alguns dos seus homens ficaram e ajudaram a carregar os corpos do alto da montanha. Ficaram também em número suficiente para cavar a sepultura, embora tivessem de trabalhar a noite inteira à luz das lanternas para acabá-la. Quer ver a sepultura?—perguntou por fim Miss Otto, com um suspiro.

Diante do meu gesto afirmativo, acrescentou:

—Amanhã a levarei lá.

O sol brilhava intensamente na manhã seguinte quando ela me conduziu através do recinto da missão.

—É por aqui—disse.

Ao passarmos por meia dúzia de cabanas com altos tetos de palha e paredes baixas de barro, ouvimos o rumor de vozes de professôres.

—São as nossas escolas—disse ela, com satisfação.—As aulas começam cedo para terminar antes da hora em que o calor é mais forte.

Continuamos e ela apontou três construções retangulares de barro:

—São os dormitórios dos nossos rapazes.

Havia também um dormitório de môças, um dispensário improvisado e um orfanato. Quando saímos dos terrenos da missão, o caminho se estreitou, serpenteando através do mato denso.

O caminho terminou abruptamente e chegamos a um terreno plano e coberto de grama que se estendia por duas ou três centenas de metros. Miss Otto disse que era uma pista para aviões. Do outro lado, avistei um trecho de barro vermelho sem vegetação, flanqueado por pedras e marcado por duas varas amarradas em cruz com um cipó. Era a sepultura comum das vítimas do desastre.

Encaminhei-me lentamente para lá e, quando me aproximei da sepultura, tive uma sensação maravilhosa, quase como se Frank me estivesse dizendo: “Estou contente por

você ter vindo." Parei e fiquei imóvel, tentando desesperadamente sentir mais alguma coisa. Mas o ar quente mal se agitava e a sensação se desvaneceu.

Sentei-me numa grande pedra e, então, as lágrimas me subiram aos olhos e o mato denso, a terra, as pedras e a cruz, tudo se confundiu na minha frente. Fiquei sentada, imóvel, durante muito tempo, ao sol escaldante, mas a impressão da presença de Frank não se repetiu. E eu não encontrara nem a coragem nem a orientação que procurava.

Voltamos em silêncio. Pensei na longa viagem que fizera, na imensidão do oceano, do deserto, da selva; na imensidão da vida quando não tem sentido. Por que estava eu ali?

No instante em que formulei essa indagação, ocorreu-me uma idéia. A montanha... talvez a resposta estivesse lá. Eu devia subi-la e ver o lugar onde Frank morrera.

Quase duas semanas se passaram antes que aparecesse alguém disposto a levar-me. A viagem, disse-me Miss Otto, era extremamente difícil através da selva sem caminhos. Um dos professores locais prometeu que subiria a montanha comigo "dentro em pouco". Mas, como Miss Otto comentou, "nada na África se faz imediatamente".

Passeio com Mamãe

ENQUANTO isso, eu vivia na missão e observava com profundo interesse o seu trabalho. Além da igreja,

mantinha uma escola primária, um orfanato e um pequeno dispensário. Uma tarde, enquanto as mulheres da missão dormiam a sesta, escrevi uma carta a minha irmã para saber de meu filho. Depois, conforme um hábito que estava adquirindo, tomei o caminho já bastante conhecido da sepultura. No fim dos terrenos da missão, uma velha se balançava numa cadeira, na varanda de uma casinha caiada. Fêz sinal, chamando-me. Com alguma hesitação, abri o portão e entrei.

—Eu a vejo passar todos os dias —disse ela.—Estava esperando o dia em que me viesse ver. Todo o mundo me chama Mamãe.

Sentei-me, meio constrangida.

—Sempre morou em Sanoyea?— perguntei.

—Sempre. Nasci aqui. Todos nós, Kpelles, nascemos aqui.

—Ninguém é da costa?

—Não—respondeu, rindo.—Não somos a mesma coisa que aquela gente de Monróvia. Eles procedem sempre como se fôssem melhores do que nós, que somos do mato.

Balançou a cabeça tristemente e acrescentou:

—Não entendo. Há gente esperta, gente preguiçosa, gente boa, gente malvada. Mas gente é gente em toda a parte. Que é que a senhora acha?

Senti-me quase criticada e de repente desejei que aquela mulher tivesse compaixão de mim.

—Estava aqui quando o avião caiu?—perguntei.

—Estava—disse ela.—Foi horrível; a coisa pior que já aconteceu por aqui, se não estou enganada.

Aproximei-me ansiosamente dela.

—Quer contar-me como foi?

—No mês que vem vai começar de novo o tempo das chuvas—disse ela, com um suspiro, enxugando a testa com o avental.—Talvez então fique mais fresco.

Compreendi que ela nada me diria. Levantei-me.

—Ia fazer uma visita à sepultura.

Ela também se levantou e disse:

—Eu a acompanharei.

Seguimos pelo caminho lado a lado e em silêncio. Embora fôsse velha, Mamãe mantinha a cabeça erguida e caminhava ereta como se estivesse equilibrando alguma carga. Quando chegamos à sepultura, notei que o mato já estava começando a nascer no barro. Senti uma espécie de arrepio. Mas Mamãe não me deixou demorar lá. Puxou-me pelo braço, como se quisesse arrancar-me da minha tristeza.

—Venha, minha filha—disse com doçura.

No caminho de volta, ela me mostrou fôlhas, árvores e ervas de que o seu povo fazia os seus remédios. Perguntei-lhe se acreditava nesses remédios (alguns dos quais a Enfermeira Bunker louvava pela eficácia).

Mamãe não deu atenção à pergunta.

—Agora que temos o dispensário, há muita gente que não vai mais ao mato—disse ela, pensativamente.—Os remédios da gente preta, os re-

médios da gente branca... alguns são bons, outros não são tão bons.

Raspou uma pedra com o pé e continuou:

—Mas todo o mundo procura um remédio especial para a dor aqui dentro—disse, pondo a mão no coração.—Êsse é remédio difícil de encontrar.

Diante da gentil insistência de Mamãe, demos um passeio pela feira de Sanoyea. Entre os montões de dendês vermelhos, casca de canela, raízes de gengibre e abacaxis expostos à venda, quase não havia artigos de artesanato. Vimos pentes e colheres grosseiramente feitos, um prato fundo de madeira e alguns receptáculos feitos de ráfia tecida. Um artesão isolado trabalhava num tear desconjuntado, fazendo “pano do interior”, uma fazenda grossa azul e branca, com que se vestiam quase tôdas as mulheres da aldeia.

Mamãe olhou para mim:

—O povo aqui não faz muita coisa mais. Algumas coisas os missionários dão, outras conseguimos com os negociantes. Antigamente fazíamos tudo o que precisávamos: jarros, panelas e cêstos; fazíamos tudo bom e belo, não só com as mãos, mas também com o coração.

Abanou a cabeça.

—Agora o chefe nos diz o que devemos pensar e o povo da missão nos diz em que devemos acreditar, mas ninguém nos diz como fazer as coisas.

Entretanto, quando caminhávamos de regresso à missão, eu sabia

que Mãe de uma maneira ou de outra conciliara os seus instintos tribais com as crenças que aceitara como cristã conversa. Eu lhe percebia a bondade e a altivez. E lembrei-me do que William Welmers dissera: “*Há* alguma coisa ali . . . em relação ao povo.”

Demorei-me um pouco ao chegarmos ao portão da casa em que ela morava. Queria perguntar-lhe se compreendia que eu devia subir a montanha para ver o avião destruído. Queria que me tranquilizasse, que me dissesse que eu poderia encontrar ali alguma solução.

Ela também hesitava e os seus grandes olhos me esquadriavam o rosto. Por fim, falou suavemente:

—Talvez Deus não me dê mais muitos anos de vida; mas, quando você se fôr embora, plantarei flôres, cuidarei da sepultura por sua causa, enquanto viver.

Afastei-me, cegada pelas lágrimas.

O Pequeno Davi

UMA TARDE, quando eu voltava da sepultura, ouvi um farfalhar de fôlhas atrás de mim. Voltei-me e vi sair do mato um garotinho africano, esfarrapado, de cêrca de oito anos.

Já o conhecia. Aonde quer que eu fôsse, êle aparecia misteriosamente. Mas, quando olhava na sua direção, êle fingia estar procurando frutinhas no mato. Naquele dia, porém, chegou-se mais. Chamei-o, e êle veio como se só estivesse esperando por isso. Vestia uma camisa cinzenta cheia de rasgões e sem uma

manga. As calças curtas estavam sujas e esfarrapadas nas bainhas.

—Por que é que eu encontro você todos os dias no meu caminho?—perguntei.

—As mangas estão ficando maduras—respondeu êle.—Não sabe que quando as mangas ficam maduras os leopardos saem do mato para comer? Pode ser perigoso a senhora andar sòzinha.

Vi, então, que êle levava uma grande atiradeira.

—Você me protegeria?

—É claro—respondeu êle, virilmente.

Pensei na história bíblica de Davi e Golias.

—Obrigada, Davi—disse eu, sorrindo e batendo-lhe no ombro.

—Como sabe o meu nome?—perguntou êle.

—Não sabia. Adivinhei.

Continuei o caminho e o garotinho se manteve firme ao meu lado.

—Há muitas coisas boas na sua terra?—perguntou êle.—A sua casa é forte e não tem goteiras no tempo das chuvas?

—Exatamente.

—Tem sempre arroz à vontade? Tive de reconhecer que isso acontecia.

—A senhora é môça rica?—perguntou o garôto.

—Não.

Fiz uma pausa, olhei para êle e virei o rosto prontamente, murmurando:

—Há muitas coisas, muitas coisas importantes que eu não tenho.

—Soube que tem um filhinho.

—Tenho.

—Êle é feliz por ter mãe—disse êle, com um forte suspiro.—Se uma criança africana perde o pai, a família ajuda a mãe a criá-la. Mas quando a mãe morre, o espírito mau quer levar também a criança, porque não há leite para ela, que terá de morrer se o orfanato da missão não tomar conta.

Assumi por um instante uma aparência estranhamente grave, quase como se fôsse um velhinho.

—Seu filho é feliz—disse êle.

Naquela noite a Enfermeira Bunker levou-me em sua companhia quando foi correr o orfanato, para ver se tudo estava em ordem para a noite. Uma única luz brilhava fracamente no andar térreo da casa. Lá dentro, quatro meninas da escola estavam sentadas a uma mesa, rindo. Ajudavam a cuidar dos órfãos para terem direito aos estudos. Ao verem a enfermeira, ficaram em silêncio.

Atravessamos um salão que cheirava bem e era quente. As criancinhas, deitadas em camas protegidas por cortinados, estavam aconchegadamente embrulhadas em mantas. De suas testas brotavam gotículas de suor.

Em cima, no salão dos rapazes, dois garotinhos estavam aninhados numa só cama e três estavam estendidos no chão, embora houvesse camas para todos. Quando a enfermeira balançou a sua lanterna, reconheci um dos garotos. O braço estava estendido, saindo da camisa

sem manga, e os dedos prêtos, magros, se fechavam no ombro do garoto que dormia ao lado dêle.

—Ê o pequeno Davi—disse eu, num sussurro.

—Como soube o nome dêle?—perguntou a Enfermeira Bunker, surpresa.—Êle a tem importunado? É um menino inquieto e muitas vezes não sabe o que fazer de si mesmo.

—Eu não sabia que êle era um menino sem lar.

—É verdade, a mãe morreu de parto e o pai, pouco tempo depois, num acidente de caça.

—Que será dêle?

—Não sei—respondeu ela com voz cansada, continuando sua marcha por entre as camas.—Êle tem sorte de estar aqui. Todos êles têm, mas é difícil saber se dão o devido valor a isso.

Voltamos para casa em silêncio. No meu quarto, apanhei um instantâneo de meu filho. Com um apêto no coração, olhei-lhe o doce rostinho. Deitei-me, mas não tive sono. Fiquei pensando na tristeza que havia na voz de Davi ao falar num teto sem goteiras, em comida farta, numa mãe. . . . “Seu filho é feliz”, dissera êle.

Os Destroços na Montanha

CHEGOU afinal o dia que eu tanto esperara. Um professor africano chamado Allison, natural da Nigéria, que esperava oportunamente completar a sua educação nos Estados Unidos, concordara por fim em levar-me até onde se encontravam os destroços.

De calções e camisa brancos e imaculadamente limpos, baixo e correto, apareceu-me à porta. Oito dos homens que me haviam trazido de Yanokwele esperavam perto dêle. O pequeno Davi também ali estava, com a sua atiradeira e lambuzando-se todo com uma manga madura.

Fazia um calor opressivo quando partimos. Caminhei durante algum tempo; depois os homens me carregaram. Durante duas horas fomos aos trancos por um caminho que atravessava o mato cerrado. Depois, o terreno ficou mais íngreme e o caminho desapareceu.

Um dos homens começou a abrir caminho pelo mato com um facão e durante mais duas horas seguimos a sua lenta marcha dentro da selva sombria. Íamos em fila indiana, fechada por Davi.

—Agora é que vejo o que isso deve ter sido para os homens que desceram com os corpos—disse eu.

—É verdade—murmurou gravemente Allison.—Foi na estação das chuvas e estas fôlhas que cobrem o chão estavam muito escorregadias. Às vêzes caíamos, e em alguns lugares encontrávamos quase um metro de água.

—Mas o pior—continuou êle calmamente—era o mêdo . . . o mêdo dos maus espíritos.

Quando galgamos a subida seguinte, Allison parou e apontou:

—O chefe estava bem ali quando disse que os maus espíritos matariam quem removeesse os corpos. Mas o povo, apesar disso, removeu-os.

Por fim, avistei os destroços e fiquei sem voz. Diante de mim, espalhados por centenas de metros, estavam os restos do grande avião transatlântico. Grandes chapas de metal dilaceradas, caixilhos redondos de janelas, almofadas de cadeira queimadas, travesseiros despedaçados, instrumentos retorcidos e vidros jaziam misturados na vegetação da selva. Eu nunca poderia imaginar que houvesse tantos pedaços. Um dêles trazia intato o nome do avião: *Great Republic*.

Passando por cima de um grande tronco, Allison apontou para o vale.

—O avião veio dali—disse êle.—Passou sôbre a aldeia e parecia dirigir-se para o vale. De repente virou e veio na direção da montanha. Não vi o momento em que bateu.

—Mas viu o avião voar?—perguntei, interrompendo-o.

—Vi, sim. A noite estava quente e eu não conseguia dormir. Ouvi um avião que voava baixo e saí de casa para ver.

—E que viu?—indaguei ansiosa.

—Uma bola de fogo.

—Fogo!—exclamei.—Viu o avião incendiado?

—Sim, a cauda estava em chamas.

—Com certeza viu apenas as chamas do cano de descarga.

Allison aprumou o corpo.

—Durante a guerra servi com os inglêses na RAF. O fogo que vi não era de cano de descarga.

—Por que não disse isso aos homens que vieram fazer investigações sôbre o desastre?

*-tranquilidade
para a mamãe...*

MELHORAL INFANTIL



*combate a dor
e o resfriado,
baixa a febre
e reanima
a criança*

Fórmula especial - Criado para o delicado organismo da criança, Melhoral Infantil tem um sabor delicioso, levemente adocicado, bem ao gosto de todas as crianças.

Dose certa - Já vem no tamanho e na dose exata para a idade de seu filhinho. Não precisa partir o comprimido. Pode ser dado com água ou com a comida.

*Tenha sempre em casa
uma caixinha de*



Melhoral

(USO INFANTIL)

—Ninguém me perguntou—disse êle, mas, vendo a minha exasperação, continuou pacientemente:— Compreenda, um prêto nunca fala com um branco se êste não lhe dirige a palavra antes. Os brancos falaram com alguns homens da aldeia que viram o que eu vi. Mas os brancos disseram que os homens deviam estar mentindo.

Hesitou e, em seguida, continuou:

—Alguns dos homens que aqui vieram ficaram na casa da missão e não subiram até aqui à montanha. Outros não passaram da beira dos destroços. O mau cheiro não os deixou chegar mais perto—concluiu, evitando encarar-me.

Mais abaixo, na montanha, reconheci a parte do grande leme tríplice do enorme avião. O leme do centro parecia derretido, ao passo que os dois lemes externos brilhavam ao sol. Se a cauda estava em fogo, como Allison dizia, as chamas deviam ter passado pelo leme do centro, deixando os outros dois intatos.

Tirei da bolsa dois retratos de Frank.

—Viu alguém parecido com êle?

—Lembro-me dêle, sim—disse Allison.—Um homem alto e magro, de cabelos castanhos.

Deu alguns passos e parou perto de algumas moitas.

—Aqui—disse em voz baixa.—Foi aqui que o encontrei.

Fitou-me com os olhos prêtos cheios de piedade.

Olhei para o mato cerrado, sen-

tindo um apêrto na garganta.

—Diga-me como...

—Estava de bruços—disse Allison.—Virei-lhe o corpo. O rosto não estava machucado, só a parte de trás da cabeça. Acredito que tenha batido com a cabeça numa árvore quando foi arremessado para fora do avião. Não pode ter sofrido.

Vi aos meus pés um pedaço de fazenda preta, chamuscado nas bordas. Era o pano de que eram feitas as fardas do pessoal da companhia. Talvez aquele pedaço fôsse do casaco de Frank. Sentei-me num tronco e fiquei uma porção de tempo olhando para o pano e fazendo-o girar nos dedos.

Sentia que afinal descobrira *como* se produzira o desastre, e o que havia apurado eximia de culpa a tripulação. Mas já não me era possível esquivar-me à realidade da morte de Frank, que inconscientemente eu não tinha aceitado até àquele momento. O pedaço de pano que eu tinha nas mãos era uma realidade.

O passado se fôra. E eu não me sentia mais perto de Frank, nem encontrara qualquer paz especial.

A luz estava começando a declinar.

—Temos de apressar-nos—disse Allison.—Não será fácil encontrar o caminho no escuro.

Desci cansada o caminho atapeado de fôlhas, tentando não cair. E mais uma vez tive a sensação de andar dentro da escuridão num pesadelo, tateando, ainda à procura, sem *liberdade* de sair da selva!

BOEING
707
ROLLS
ROYCE

o maior
e mais veloz
de todos os
jatos

a **NOVA YORK** e
BUENOS AIRES

sem escalas

também
à sua disposição
jato

CARAVELLE

para
MONTEVIDÉO
e B. AIRES

consulte seu
agente de viagens
ou

VARIG

servindo a jato o progresso brasileiro

Manhã na Igreja

TÔDA aquela noite uma persistente dúvida me atormentou. Na manhã seguinte, quando a colegial liberiana que fôra encarregada de cuidar de mim apareceu para arrumar o quarto, falei-lhe sôbre o assunto.

—Lembra-se de quando o avião caiu, Mary?

Ela me encarou com os seus avulados olhos escuros e disse tristemente:

—Lembro-me, sim, senhora.

—Não é verdade que o chefe disse ao povo que os espíritos maus destruiriam todos se removessem os corpos?

Ela acenou solenemente com a cabeça.

—E isso não os amedrontou? Não tiveram receio de desobedecer ao chefe?

—Claro que sim!

—Por que, então, trouxeram os corpos para serem enterrados? Foi por que os missionários os obrigaram?

—Não, senhora—disse Mary, abanando a cabeça.

—*Por que* foi, então, que fizeram isso?

Ela me olhou confiante e disse com simplicidade:

—Fizemos isso porque sempre temos pena dos outros.

Cobri o rosto com as mãos. Quando levantei a cabeça, Mary já havia saído.

Na hora do café, eu estava pensativa e em silêncio quando Miss Otto me disse:

—Creio que agora, depois de ter visto os destroços do avião, pretende deixar-nos.

Suas palavras me sobressaltaram, como se eu estivesse despertando de um estranho sonho.

—Se não se incomodar—disse-lhe—eu gostaria de ficar mais um pouco aqui.

Sentia que alguma coisa ser-me-ia em breve revelada, talvez a razão mística que me arrastara até ali. E não poderia abandonar naquela altura a minha busca.

Era domingo e fui mais tarde à igreja com Miss Otto e a Enfermeira Bunger. Quando íamos chegando à simples construção de pedra e de fortes vigas, com a sua alta cruz de madeira, voltei-me para ver a chegada dos habitantes. Seguiam pelo caminho em grupos de dois ou três. Os homens vestiam decentemente calças compridas e camisas de mangas curtas; as mulheres usavam vestidos de algodão que lhes cobriam os ombros e o peito, habitualmente nus. Pareciam contrafeitos, desanimados. Compreendi, de repente, que, como eu, se sentiam perdidos.

—Miss Otto—disse eu impulsivamente—posso falar ao povo em algum momento, durante o serviço religioso?

A igreja estava sombria e fresca para quem chegava do calor de fora. A exceção dos hinos, cantados em inglês, todo o serviço era dito em Kpelle. Embora o missionário estivesse em férias, um professor liberiano ocupou o púlpito. Depois do

serviço, Miss Otto anunciou que eu queria dizer algumas palavras.

Dirigi-me para a frente dos fiéis.

—Em nome de todos os outros que nunca poderão vir até aqui—comecei—quero agradecer a todos o que fizeram quando o avião caiu. Vocês mostraram bondade e coragem.

Senti um soluço na garganta e continuei:

—Quero que saibam que nunca os esquecerei.

Depois da bênção, quando saímos para o sol dardejante, foram muitas as pessoas da congregação que se comprimiram em torno de mim, para tocar-me a mão e murmurar algumas palavras consoladoras. Pensei na pobreza daquela gente, nas muitas doenças de que sofriam, na luta cotidiana que travavam pela existência. Senti-me de repente dominada pela compaixão. Queria fazer alguma coisa por eles.

A caminho de casa, passamos pela clínica.

—Precisamos de um novo dispensário—disse a Enfermeira Bunger.—Esta velha casa dia a dia parece mais vergada.

—E se alguém desse dinheiro para construir um dispensário novo?—perguntei.

—Quem?—disse, rindo, Miss Otto.

Uma idéia me ocorrera e eu mesma fiquei surpreendida quando a externei em voz alta.

—Talvez as famílias, os parentes das pessoas que foram enterradas

aqui, tenham vontade de encontrar um meio de mostrar a sua gratidão aos liberianos pelo que fizeram.

Parei no meio do caminho e disse, cheia de entusiasmo:

—Vou escrever a todos eles e falar-lhes de Sanoyea. Vou pedir-lhes que mandem contribuições para um novo dispensário.

Enxergo a Solução

VAI ATÉ à sepultura agora?—perguntou-me Miss Otto naquela tarde.

Respondi-lhe que sim e ela se ofereceu para ir comigo.

No meio do caminho ela parou e ficou escutando e à espera, e eu ouvi então passos atrás de nós. Voltei-me e avistei uma multidão—eram habitantes da aldeia que nos seguiam, carregando flôres. Virei-me para Miss Otto e ela explicou:

—Querem que a *senhora* deposite as flôres dêles na sepultura.

Tentei falar, mas não pude. Dobramos a última curva do caminho. Parei, levando a mão ao coração. Sôbre a sepultura erguiam-se guirlandas de fôlhas verdes de palmeira e a cruz de madeira estava coberta de trepadeiras e flôres silvestres.

—Êles só erguem as guirlandas de fôlhas de palmeira para as visitas mais importantes—disse Miss Otto.—É a maior honra que êsse povo pode dispensar.

Uma a uma, as pessoas da aldeia se adiantaram e me entregaram as suas flôres. Eu, com todo o carinho, depositava cada ramalhete sôbre a sepultura. Davi me entregou duas

flôres azuis que haviam começado a murchar com o calor da sua mão.

—Colhi-as para a senhora, mãe-zinha.

Mary saiu do meio das outras e me estendeu cheirosas flôres.

—Que Deus a acompanhe—disse ela, num sussurro.

Depois de receber tôdas as flôres, quando a sepultura estava coberta de um tapête colorido, mal pude murmurar os meus agradecimentos.

—Por favor—pedi—podem deixar-me sòzinha agora?

Miss Otto fêz sinal aos outros para que a acompanhassem de volta à missão. Porém Mary continuou ao meu lado, dizendo:

—Quero ficar com a senhora.

Diretamente sob o sol, cercada pelo intenso silêncio da selva, baixei a cabeça e chorei. E, enquanto chorava, um sentimento estranho e novo me dominou. “Estou contente por você ter vindo”, parecia dizer Frank, e, naquele momento, *compreendi* por que tinha ido lá. Não fôra para recuperar a inabalável fé que perdera. Fôra para descobrir uma forma melhor de viver com os outros—a fé com que Frank vivera e que desejara transmitir-me!

A razão exigia finalmente que eu olhasse além de mim mesma e, quando o fiz, todo o quadro trágico do sofrimento da África se me patenteou claramente. Pensei nos modos pelos quais os africanos haviam explorado a sua própria raça, vendendo os seus irmãos para a escravidão ou destruindo-os nas guerras. Pensei

em como os brancos e alguns que não o eram haviam dilapidado os recursos humanos e naturais do continente. Pensei nas doenças da África, entre as quais pareciam incluir-se tôdas as pestes que o homem conhecia. Pensei no anseio universal de dignidade. Vi que êsse anseio não era menos forte na África, na Libéria, na aldeia de Sanoyea.

Por que, entretanto, eu me sentia súbitamente mais forte? Eu sabia porquê e, com nova humildade, aceitei êsse motivo. Não era o fato de eu poder ajudar aquela gente, mas sim o fato de me haverem ajudado! Na sua incessante luta, não viviam encarcerados na autocompaixão, como eu vivera. Com humana cordialidade haviam-se desprendido das próprias dores para se irmanarem comigo na minha dor.

Enxuguei as lágrimas e vi o Sol esconder-se por trás da cerrada mata. E, ali, sentada na selva tranqüila, que o clarão róseo do poente iluminava, senti uma paz diferente de tudo o que até então conhecera.

Por fim, levantei-me.

—Já está pronta para ir?—perguntou Mary.

—Sim—disse eu—já estou livre, posso ir.

O Presente de Sanoyea

TOMEI o avião de regresso a Nova York, firme nos meus propósitos e ansiosa por voltar para junto de meu filho. Voltei imediatamente com êle à casa de subúrbio onde Frank e eu vivêramos. E comecei a

escrever aos parentes das vítimas do desastre, falando-lhes dos habitantes de Sanoyea e da necessidade que tinham de um nôvo dispensário.

Quase um ano se passou. Meu pequeno Frank aprendera a andar. Na minha mesa havia cartas da Pensilvânia, da Luisiana, de Portugal, da Suíça, da União Sul-Africana. . . . Todos os que podiam mandavam dinheiro e as contribuições subiam a mais de 5.000 dólares. Mas as coisas não podem ser feitas com rapidez na selva africana. A construção não poderia ser iniciada enquanto não houvesse uma estrada para o transporte de máquinas e material. Houve uma longa espera à procura de um construtor. E ainda foi preciso descobrir trabalhadores especializados.

Sòmente seis anos depois a construção teve andamento. Mas, no intervalo, a Junta Luterana Unida, que patrocinava a missão, apelou para as suas organizações femininas e levantou mais 15.000 dólares, tornando possível um dispensário muito melhor e mais bem montado do que eu me atreveria a sonhar. Finalmente, no outono de 1958, o Dr. Herman Gilbert, diretor da obra das missões na Libéria, escreveu-me: "O dispensário em memória das vítimas está terminado."

Quando fui ao escritório dêle, em Nova York, mostrou-me uma fotografia do edifício branco e cintilante. Havia salas para tratamento,

uma sala de espera, lugar para guardar material e medicamentos, leitos para casos de maternidade e para doentes graves. "Consegui atender hoje 130 doentes!", comunicava entusiàsticamente a nova enfermeira.

Na entrada, uma polida placa de metal brilha ao sol. Nela se lê:

Êste Dispensário é Dedicado ao
Povo de Sanoyea
Como Recordação
dos Seus
Nobres Esforços
em 22 de Junho de 1951
e Doado em Memória
das Vítimas do Avião
Great Republic

E no interior pende a seguinte mensagem escrita em Kpelle, língua que não tem frases cerimoniais, e a qual, traduzida, diz:

Como os que morreram no grande avião
perto daqui permanecem na memória;
Como também o povo de Sanoyea sofreu
naquela ocasião quando deu a
sua ajuda;

Êste dispensário é para o povo.

Orgulho-me do dispensário como decerto devem orgulhar-se tantos outros que o tornaram possível. Mas nunca me esqueço de que se trata apenas de um pequeno edifício branco no coração da selva africana. Não pode comparar-se com o presente que, na minha hora de desolada necessidade, me foi dado pela aldeia de Sanoyea.

